



“Sou mais
identificado
como sanitarista
da Fiocruz que
como militante
político ou
deputado, e é
como eu me
sinto bem”

Se é que Arouca morre...

Se fosse preparada uma linha do tempo com os marcos da saúde pública no Brasil, certamente o nome do sanitarista Sergio Arouca delimitaria duas épocas distintas: aA (antes de Arouca) e dA (depois de Arouca). Nada mais certo, pois Arouca foi um dos principais articuladores do movimento da reforma sanitária brasileira.

Carismático e ousado, aglutinou em torno de si um grupo de pessoas que trouxe para o centro da discussão da vida pública brasileira a necessidade de construção de um sistema que garantisse a todos amplo acesso à saúde.

Foi essa a meta que perseguiu como pesquisador, professor e presidente da Fundação Oswaldo Cruz, como parlamentar, ou ocupando cargos nas três esferas do Executivo. Como bem disse uma mensagem enviada à Fiocruz por ocasião de sua morte, “a cadeira de Arouca na Academia dos Amantes do Povo do Brasil, lamentemos, dificilmente será ocupada por alguém à altura dele”.

Viva Arouca!



Momento histórico da
Fiocruz: Arouca toma
posse como presidente
no dia 3 de maio de 1985
Foto: arquivo CCS/Fiocruz

Uma referência mundial

Foto: arquivo CCS/Fiocruz



“Sempre quis
aplicar na
medicina meus
pensamentos
políticos”

Com Arouca, a Fiocruz entra na rota de visitas de personalidades estrangeiras, como o ex-presidente de Portugal Mário Soares

Arouca nasceu em Ribeirão Preto e formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em 1966. Em sua vida acadêmica, Arouca buscou vincular-se sempre com as propostas de democratização da sociedade brasileira na defesa de que todo cidadão tenha direito à saúde. Saúde não só como assistência médica no momento adequado e com a qualidade necessária, mas também como uma série de condições para que a população não adoça - reforma agrária, educação, lazer, liberdade, condições de habitação dignas, transporte etc.

Como consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) atuou em vários países: México, Colômbia, Honduras, Costa Rica, Peru e Cuba. Professor concursado da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) da Fiocruz, lecionou alguns anos até ser convidado a trabalhar com o governo sandinista da Nicarágua.

Nesse período, Arouca iniciou seus laços com o sistema de saúde cubano, assessorando-o tanto na formação de recursos humanos quanto no desenvolvimento de programas assistenciais. Voltou ao Brasil em 1982, quando foi eleito chefe do Departamento de Planejamento da Ensp.

Em 1985, foi indicado como candidato à Presidência da Fiocruz por um movimento da comunidade de Manguinhos, por uma frente suprapartidária, reforçada pelo então secretário-geral do Ministério da Saúde, Eleutério Rodriguez Neto, e pela médica sanitária Fabíola Aguiar Nunes. Esse movimento ultrapassou as fronteiras da Fundação e tornou-se um movimento nacional, conseguindo a nomeação para presidente da instituição em 3 de maio de 1985.

Democratização da Fiocruz

Durante a sua gestão, Arouca preocupou-se com a democratização da Fiocruz, recuperando a associação de funcionários e promovendo eleições

diretas para a sua diretoria. Modernizou a administração, estabelecendo mecanismos de gestão colegiada e participativa e nomeando diretores eleitos pelas unidades. Criou o Conselho Deliberativo da Fiocruz como instância máxima de poder.

Em sua gestão, recuperou o prestígio da instituição no campo da pesquisa científica e do desenvolvimento tecnológico, que também se notabilizou por ter sido a instituição de ponta na formulação e discussão da política de saúde. Arouca presidiu a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, a primeira que conclamou o usuário a debater o tema. Nesse período foram realizadas pré-conferências em todos os estados. Os resultados da Conferência subsidiaram o texto da saúde na Constituição Federal, em 1988.

Como presidente da Fiocruz reintegrou os dez cientistas cassados pela ditadura militar, no episódio conhecido como “Massacre de Manguinhos”.

A revolução cubana também tocou o coração de Arouca. Em Havana, com os médicos sanitários Eric Rosas (à esquerda) e Eleutério Rodriguez



Foi também, em 1987, secretário de Estado da Saúde do Rio de Janeiro. Foi escolhido por unanimidade pela plenária de entidades de saúde para apresentar a defesa da emenda popular à Assembléia Nacional Constituinte. Ocupou a Presidência da Fiocruz até abril de 1988, quando exone-

rou-se, a pedido, para concorrer como vice-presidente da República na chapa do PCB, com Roberto Freire. Foi ainda candidato a vice-prefeito do Rio de Janeiro na chapa de Benedita da Silva. Arouca foi deputado federal por oito anos e ocupou diversos cargos em comissões de saúde, ciência e tecnologia, sempre na defesa da modernidade e interesse do trabalhador. No início da atual gestão do prefeito Cesar Maia, Arouca foi secretário de Saúde do Rio de Janeiro.

Arouca foi coordenador do programa de saúde de Ciro Gomes (PPS) na última eleição para Presidência da República e no segundo turno se incorporou à campanha de Lula. Assumiu em janeiro passado a Secretaria de Gestão Participativa do Ministério da Saúde e foi nomeado para a coordenação-geral da 12ª Conferência Nacional de Saúde e para ser o representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde (OMS).

Foto: Christina Tavares

Arouca era casado com Lúcia Souto, médica sanitária e ex-deputada estadual pelo PPS no Rio, e deixou quatro filhos: Pedro, Lara, Nina e Luna. Por toda a sua produção científica e a liderança conquistada na construção do Sistema Único de Saúde (SUS), Arouca virou uma referência mundial.

A última

Christina Tavares, Ricardo Valverde e Wagner de Oliveira

*A entrevista a seguir foi escrita tendo como base a primeira de três conversas originalmente imaginadas para se fazer um perfil de Sergio Arouca. A idéia de iniciar com ele a seção “Perfis de Manguinhos” surgiu em março. Mas Arouca só teve condições de conceder uma única entrevista à **Revista de Manguinhos** para recordar a sua trajetória como professor, pesquisador e político. Desta forma, é contra a nossa vontade que o texto pára no ano de 1979. Outros dois encontros, em que ele contaria os anos posteriores de sua vida, não ocorreram porque Arouca já não podia dar entrevistas. Por decisão editorial e por respeito ao biografado, decidiu-se não incluir neste texto nada que não tivesse sido dito pelo homenageado à **Revista de Manguinhos**. Esta foi a última entrevista concedida por Arouca antes de falecer.*



O ano de 1941 foi brutal com os que acreditavam em um mundo pacífico. Ventos sombrios sopravam da Europa, onde os exércitos de Hitler marchavam em direção ao leste, visando invadir a União Soviética. Polônia, Dinamarca, Holanda, Romênia, Bulgária, Hungria, Iugoslávia, Grécia, Bélgica e parte da França haviam sucumbido ao avanço nazista, cuja máquina militar nada parecia deter. Longe da guerra e igualmente distante da liberdade, o Brasil vivia adormecido sob a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Apesar das dificuldades, na então pequena Ribeirão Preto uma família tinha motivos para comemorar: em 20 de agosto daquele ano nascia Antônio Sergio, o segundo filho de José Pereira e Alzira. Um menino que 15 anos depois, ao ingressar no Partido Comunista Brasileiro (PCB), daria início a uma trajetória em favor da população, da ética na política e da paz, deixando seu nome inscrito na galeria da saúde pública. Curiosamente, este honroso currículo que levou o garoto do interior paulista a correr o Brasil e o mundo começou quase que por acaso na vida de Antônio Sergio Arouca.

Filho de um funcionário da Caixa Econômica estadual e de uma dona de casa, Antônio Sergio cresceu em um lar onde a leitura era incentivada. O pai gostava de ler e estimulava o gosto pela literatura servindo biscoitos finos como as obras de, entre outros, Dostoievski, Tolstoi, Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego – autores que contribuíram decisivamente para formar a visão de mundo que guiaria o rapaz vida afora. No colégio, teve ele a sorte de ter como professor de latim um mestre

“O maior inimigo do pensamento autoritário é o pensamento livre”

entrevista

Fotos: álbum de família

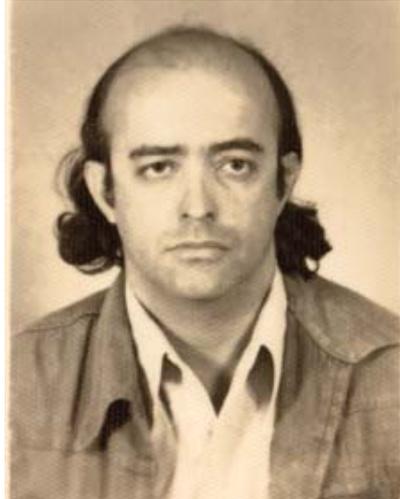
que não se limitava a dar aulas e que tinha como missão burilar o intelecto dos alunos, criador do chamado “pagamento estudantil”. A atividade, sempre aos domingos, era um salutar debate de idéias: a cada semana eles discutiam temas como “o petróleo é nosso”, a liberdade de imprensa, a situação dos bóias-frias, o êxodo rural e outros assuntos candentes em meados dos anos 50. “E também organizávamos simulações de julgamentos, como o de Calabar, depois de muito ler e estudar os acontecimentos. O papel revolucionário de Cristo também esteve presente em nossos estudos, para os quais convidávamos especialistas”, recordou Arouca na entrevista à **Revista de Man-guinhos**.

O encontro do estudante com a política partidária ocorreu por conta do “pagamento estudantil”, que em uma de suas edições teve como convidado um jornalista que militava no Partido Comunista de Ribeirão Preto e discorreu sobre as tensões provocadas pelas mudanças nas relações de trabalho no campo. Arouca imediatamente se identificou com aquele discurso e, junto com outros colegas de turma, passou a manter contato com o jornalista. O relacionamento o levou a entrar para o PCB aos 15 anos e a desenvolver, para o partido, um trabalho de militância na área rural do município. “A partir daí me tomei um combatente da causa social”, disse Arouca, que estava perto de tomar uma decisão que ditaria o seu futuro.

A faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (USP), sonhada e criada por Zeferino Vaz em 1952, causou um grande impacto em Ribeirão Preto e passou a seduzir os jovens ainda no ginásio. Em 1960, quando Arouca passou a freqüentar as suas aulas, ela era a única possibilidade de fazer um curso de nível superior na cidade. O irmão mais velho, José Carlos, estudava

direito na capital paulista – e este poderia ter sido o mesmo caminho do caçula se tivesse dado ouvidos ao professor de química do colégio, que ao saber da intenção do adolescente de cursar medicina foi taxativo ao afirmar que ele “não teria jeito para a coisa”. O mestre, que sugeriu a faculdade de direito, quase acertou.

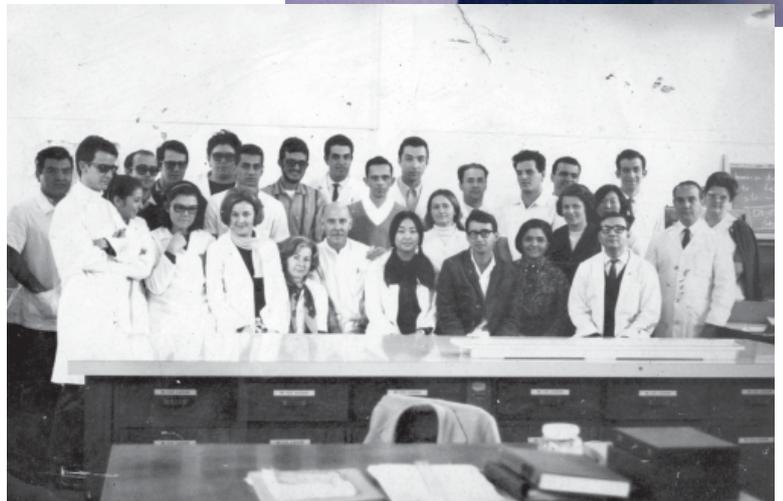
Arouca entrou em crise logo no primeiro ano do curso universitário ao assistir às aulas do que chamava de “matérias infernais”, como anatomia e histologia. Cheio de dúvidas quanto aos estudos, ele começou a questionar a vocação e deixou de ir à faculdade. Liberado do Tiro de Guerra (o serviço militar) por ser estudante, saía de casa pela manhã com o caderno debaixo do braço – mas seu destino era o bar onde passava o dia jogando sinuca com os amigos. Com o pensamento dividido entre o bilhar e a medicina, Arouca mergulhou em crise profunda e volta e meia lhe voltava à mente a discussão com o professor de química. Militante comunista, sentindo-se um corpo estranho na faculdade, tomou enfim uma decisão: trançou matrícula e se dirigiu para São Paulo,



Arouca sem a inflexível marca, a barba, em foto da década de 70



. Na foto do meio, em casa, na Nicarágua, temo atrás uma reprodução de uma foto da revolução mexicana de 1910. Ao lado (segundo à esquerda, em pé, de braços cruzados), na faculdade de Medicina da USP

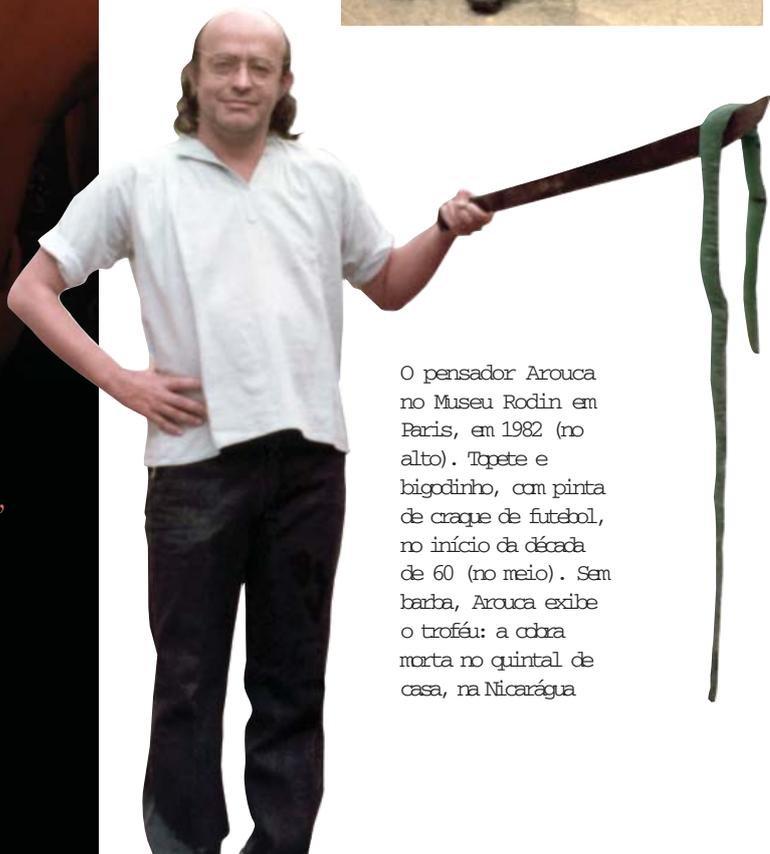




“Saúde é o resultado do desenvolvimento econômico-social justo”



Fotos: álbum de família



O pensador Arouca no Museu Rodin em Paris, em 1982 (no alto). Topete e bigodinho, com pinta de craque de futebol, no início da década de 60 (no meio). Sem barba, Arouca exhibe o troféu: a cobra morta no quintal de casa, na Nicarágua

onde o imão cursava direito. “E com o que vi no curso de direito voltei correndo para Ribeirão”, contou Arouca, rindo com a lembrança.

De volta à medicina, o estudante logo começou a participar do centro acadêmico. Mesmo cursando a faculdade, sua relação com os estudos ainda era conflituosa. Arouca queria seguir um ramo que ocupasse menos tempo. “Minha intenção era fazer política, participar das grandes causas, e o clima da época, com o governo João Goulart, o Centro Popular de Cultura (CPC), a busca por mais liberdade e democracia, influenciavam bastante. Na minha cabeça, eu me especializaria em radiologia ou anatomia patológica, algo que garantisse o meu sustento e me desse tempo livre para continuar lutando pelas reformas que estavam em pauta. Assim consegui um estágio em radiologia, mas aí apareceu a medicina preventiva, que me encantou”.

Um discípulo de Samuel Pessoa fora para Ribeirão Preto e conquistara a cabeça de Arouca. Enquanto ele fazia conferências, a esposa panfletava para o PCB. Surgiu então um núcleo que plantou a medicina preventiva na faculdade e contribuiu para que o curso desse uma guinada, ampliando a consciência social. O jovem Arouca logo começou a estagiar no setor e foi mandado para Cássia dos Coqueiros, cidade da região da Alta Mogiana que pertence à região de Ribeirão Preto e faz divisa com Minas Gerais. A doença de Chagas grassava no município. “Grande parte da população tinha a enfermidade, as pessoas morriam de repente. Os próprios moradores brincavam dizendo que um jogo de futebol tinha que começar com 17 ou 18 jogadores, porque perigava chegar ao final sem quórum”, recordou Arouca, que visitava as comunidades rurais para desenvolver estudos sobre a doença e como monitor levava outros alunos.

Começava então a militância de Arouca na saúde pública. Nos meses seguintes ele daria plantão em pediatria, psiquiatria, ortopedia, trabalharia nas emergências do posto de saúde municipal e na da Santa Casa. Foi plantonista de ginecologia, obstetrícia e che-

gava a dar até 25 plantões por mês. Mas parou na psiquiatria. “Era terrível, porque ainda se usava o eletrochoque. Quando um paciente entrava em crise levava choque, era uma confusão... e tinha o pessoal que rezava, porque a instituição era espírita”. Arouca não agüentou e pediu para sair.

E havia a militância política, feita também na faculdade. O PCB apostava nas reformas (agrária, universitária etc) e seus partidários as defendiam aguerridamente onde quer que estivessem. Não demorou muito para que Arouca trombasse com Zeferino Vaz, o visionário que plantou a faculdade em Ribeirão Preto – concretizando uma lei votada em 1948 que previa a instalação de cursos superiores em cidades do interior de São Paulo.

Zeferino, o homem que viabilizou o empreendimento em Ribeirão Preto, correu o mundo contatando especialistas – de cujos currículos constasse também o espírito de aventura – que estivessem dispostos a vir morar em casas coloniais no interior de um país tropical com tudo ainda por fazer. Entre esses desbravadores estavam Lucien Lison, um dos pioneiros da histoquímica, Fritz Köberle, responsável pela teoria neurogênica da fase crônica da doença de Chagas, Miguel Covian, discípulo de Bernardo Houssay (Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1947) e um dos pioneiros da neurofisiologia na América Latina. O lado brasileiro também tinha seus medalhões, como Maurício Rocha e Silva, um dos descobridores da bradicinina, considerado então “a maior expressão da farmacologia brasileira de todos os tempos”.

O reconhecimento não impedia o centro acadêmico, no qual Arouca pontificava como um dos líderes, de eventualmente bater de frente com o todopoderoso diretor da faculdade. Zeferino gastava dinheiro em jardins e não em um restaurante para os alunos? Providenciava-se o enterro do diretor. Zeferino ampliava vagas para bolsistas de países vizinhos? O CA de medicina fazia greve. “E com isso ele nos chamou de atrasados, ao dizer que não olhávamos para o papel que o Brasil precisava ocupar na América Latina”. Para Arouca, Zeferino,

“com físico de Zé Trindade, gravata borboleta, piteira, seguidor de Ademar de Barros”, era brilhante.

Discutir com Zeferino, enterrá-lo simbolicamente, fazer greve na faculdade, tudo isso serviu para formar o militante político, mas seria pouco para enfrentar os anos de chumbo que estavam para chegar ao Brasil. O ano do golpe, 1964, quando a democracia foi violentada, pegou Arouca como liderança estudantil de destaque em Ribeirão Preto. Toda a direção do PCB foi presa e ele próprio esteve trancafiado por dois dias. Havia uma sensação, ingênua, de que a quartelada provocaria resistência e não duraria muito. Mas logo nas primeiras horas o partido se posicionou contra pegar em armas para combater os militares e a favor da luta institucional, democrática, ainda que os espaços estivessem vetados à esquerda.

Com a vida político-partidária nacional suspensa, Arouca, como tantos outros, passou a trabalhar em jornal – em uma publicação mantida pelos padres progressistas da cidade. Ele mantinha uma coluna literária e dava estocadas nos militares através de artigos (que assinava com o nome de ex-presidentes da Confederação Geral dos Trabalhadores, a CGT) e desenhos. Nos subterrâneos, assumiu a presidência do PCB e a secretaria-geral da CGT em Ribeirão. Em 1966, já formado, se tornou professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp, a convite de Zeferino Vaz – os caminhos de ambos voltaram a se cruzar. O construtor de universidades fazia nascer mais uma, agora em Campinas. Ainda naquela década Arouca participaria da criação da Liga Brasileira de Combate à Doença de Chagas e fundaria o Grupo de Ciências Sociais da Saúde da Unicamp.

Em Campinas Arouca desenvolveu um trabalho inovador nos centros sociais de saúde, já que tinha uma liberdade que em outras instituições não teria. Cursos de marxismo eram organizados e freqüentados por figuras como Carlos Lessa e Maria da Conceição Tavares. *O capital*, companheiro de viagem, era levado debaixo do braço. O departamento ganha dimensão nacional pela abordagem da medicina

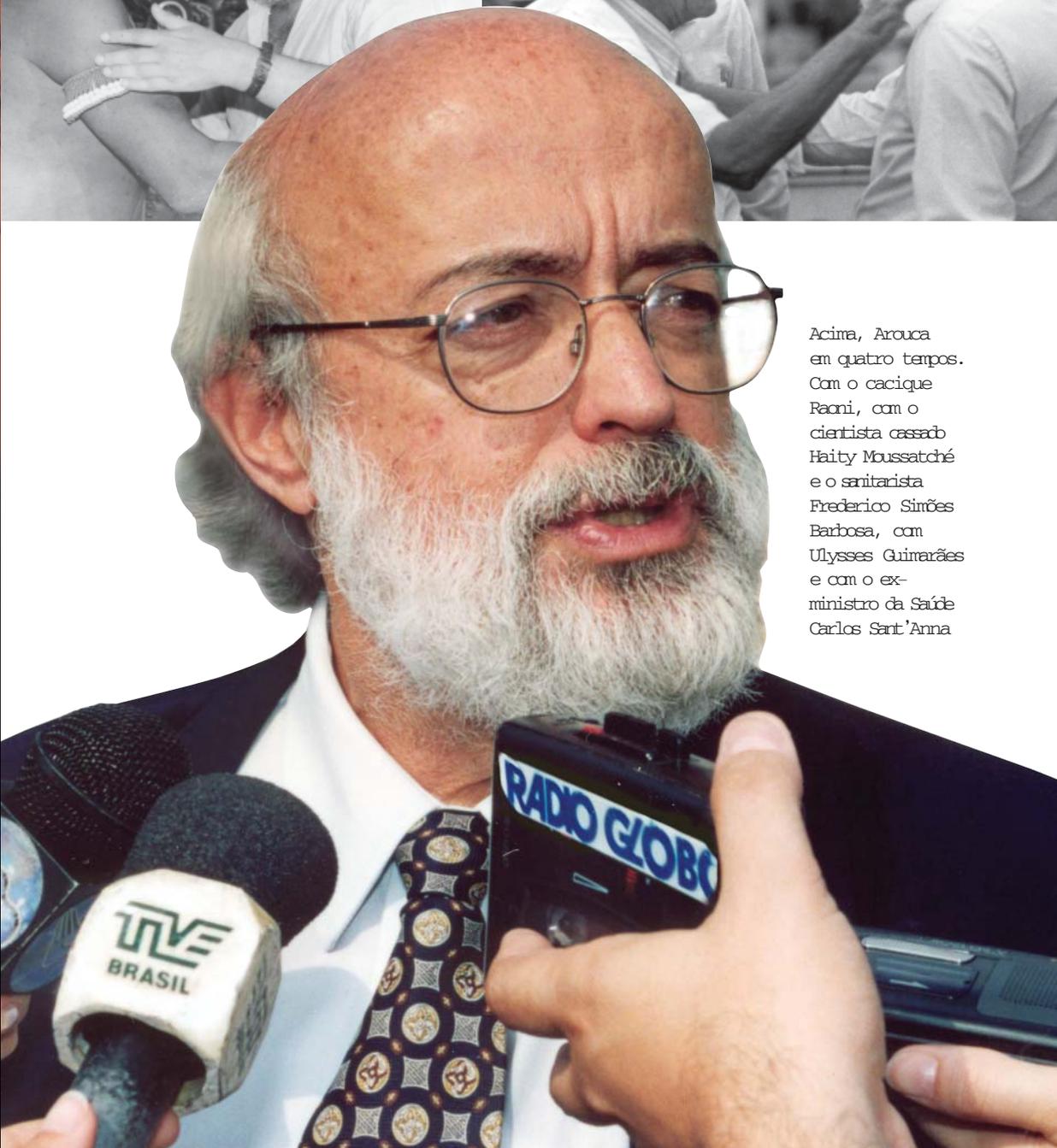
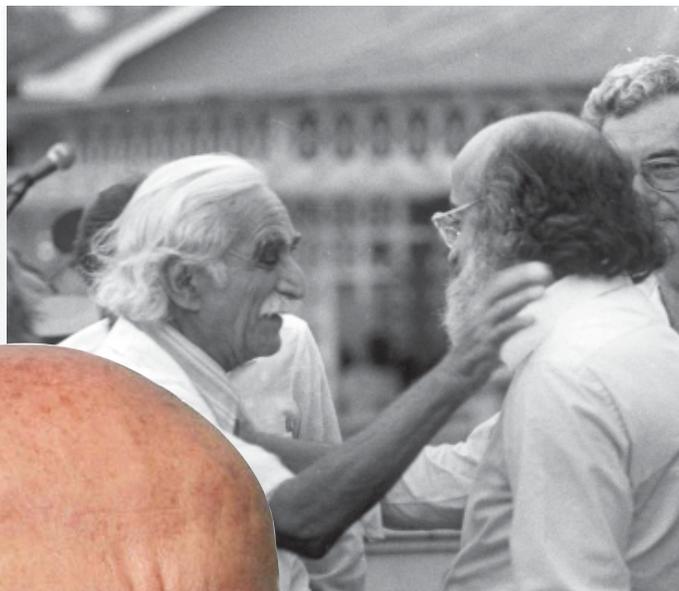
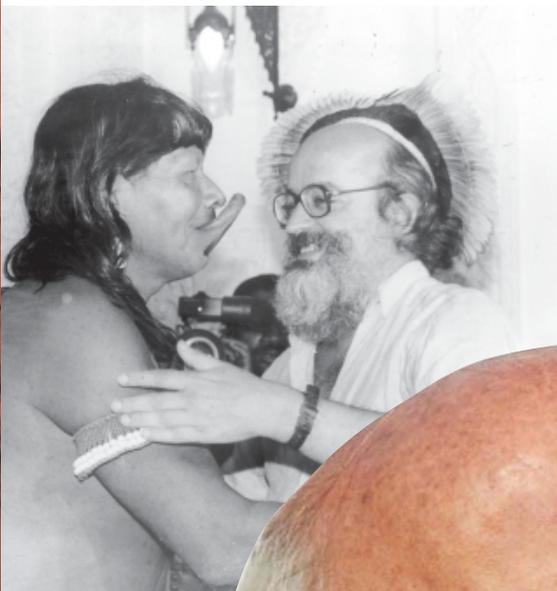
preventiva e da questão do coletivo, fazendo uma análise marxista da saúde. “Todo mundo de esquerda foi pra Campinas. Davi Capistrano, Chico Gordo, Eduardo Freese, todos viraram lideranças”, lembrou Arouca.

A fase campineira duraria até 1975, quando Arouca precisou sair da cidade devido à perseguição política, que fechava o cerco. A repressão estava de olho no médico comunista e vários de seus colegas já haviam caído nas garras do arbítrio – e sido surrados, torturados e mesmo mortos. Casado e com filhos, Arouca, alertado pelo pai (“acho que estão atrás de você...”), e pelo amigo Marco Antonio Barbieri, que sobreviveu ao pau-de-arara, se assustou. O pai de outro amigo, David Capistrano, é preso e “desaparece”. Ele resolveu então fugir na calada da noite, buscando refúgio com um pintor conhecido que residia em Paraty. Na cidade praiana, permaneceu cerca de um mês, curtindo o sol e comendo peixe frito de frente para o mar, com a mulher, Anamaria, e o filho Pedro.

Depois dessa temporada à beiramar, Arouca, afastado da universidade, começa a ver a luz no fim do túnel. Pela primeira vez na história um grupo de esquerda entra no Ministério da Saúde (MS), então sob a gestão de Paulo de Almeida Machado. Profissionais ligados à esquerda católica, da Santa Casa de São Paulo, são levados para o MS no governo de Ernesto Geisel. Arouca é contratado como funcionário internacional da Organização Pan-americana da Saúde (Opas) e vai trabalhar na toca do leão, em Brasília. “Eu detestava morar em Brasília e ser funcionário internacional, aquilo não tinha nada a ver comigo. Aos poucos a situação foi melhorando, porque companheiros como Mario Hamilton foram chegando. E passávamos horas discutindo política nos bares do submundo da cidade. Lá ninguém prestava atenção em nós”, divertiu-se Arouca ao rememorar o fato.

A entrevista de Arouca para a Revista de Manguinhos foi interrompida nessa fase de sua vida. Incomodado, sentindo dores, Arouca pediu que a equipe voltasse depois. Infelizmente não houve tempo de concluir o trabalho.

Camarada



“A batalha sanitária é uma questão supra-partidária; nenhuma pessoa, instituição, partido, agrupamento, categoria ou entidade enfrenta sozinha essa luta”

Acima, Arouca em quatro tempos. Com o cacique Raoni, com o cientista cassado Haity Moussatché e o sanitarista Frederico Simões Barbosa, com Ulysses Guimarães e com o ex-ministro da Saúde Carlos Sant'Anna

Arouca

Fotos: arquivo CCS/Fiocruz



Fernando Antunes*

Arouca era um homem múltiplo, com todas as virtudes e as mazelas decorrentes dessa opção. Ora inteiro, nas frentes de batalha das causas relevantes, ora fragmentado, nas questões da alma, pois impossível de racionalizar. Inteiro ou não era sempre verdadeiro, nas certezas e nas dúvidas. Foi um líder de muitos e de poucos. Foi uma referência a ser preservada na visão da maioria, e a ser isolada, segundo uma minoria. Talvez esse perfil amplo seja o caminho para entender uma vida política tão cheia de aliados inusitados, de adversários condicionais, de alguns inimigos incompreensíveis e de tantos amigos incondicionais. Arouca era um homem da ciência, da política e do partido. Para compreendê-lo, como dizia ele, dependia do método de análise.

Foi justamente sabendo equilibrar essa frágil equação que ele conseguiu proezas

como ser notavelmente grande no mundo político, nunca tendo deixado de pertencer a um partido de muitos quadros e poucos parlamentares. Não foram poucos os amigos e aliados que lhe indicaram outros caminhos partidários e ele optou por manter-se na trilha escolhida desde a juventude. Foram muitos os dissabores causados por seu partido, notadamente nos anos mais recentes, mesmo assim ele continuou seguindo sua consciência.

A trajetória política, consolidada em atividades no Brasil e no exterior, ganhou impulso após o período na Presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Aliás, o binômio Arouca-Fiocruz na política nacional é um dos mais interessantes exemplos de identificação positiva para as duas partes. Na fase seguinte vieram os dois mandatos de deputado federal. A Câmara não tornou Arouca mais feliz, era uma missão. Com essa visão, pôs em prática métodos que resultaram na aprovação de leis fundamentais para o avanço do Sistema Único de Saúde (extinção do Inamps; controle do uso do sangue e hemoderivados). Ele

foi o primeiro congressista a ter uma emenda constitucional de sua autoria promulgada (autorização para contratação de pesquisadores estrangeiros – emenda nº 11). Nada de relevante relacionado com a saúde pública e com a ciência & tecnologia era tratado no Congresso Nacional sem que Arouca fosse consultado. Por conta dessa peculiaridade ele sempre teve seu nome relacionado entre os “cabeças do Congresso”, publicação do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap) que destaca os 100 parlamentares mais influentes a cada ano. Era um formulador dos melhores que já passaram pelo Congresso. Palavra do Diap.

O nome de Arouca constou de várias listas para ser ministro da Saúde. Foi secretário de Saúde do Estado e do Município do Rio de Janeiro. Nada disso o fazia sentir-se maior, ao contrário, sempre o fez mais gente. Gente nossa. Axé Arouca.

* *Fernando Antunes é vice-presidente nacional do sindicato dos servidores da Controladoria Geral da União*

O rei do Castelo

A falta que ama

Sarah Escorel*

*Entre areia, sol e grama
o que se esquiva se dá,
enquanto a falta que ama
procura alguém que não há.*

*Está coberto de terra,
fornado de esquecimento.
Onde a vista mais se aferra,
a dália é toda cimento.*

*A transparência da hora
Corrói ângulos obscuros:
cantiga que não implora
nem ri, patinando muros.
Já nem se escuta a poeira
que o gesto espalha no chão.
A vida conta-se, inteira,
em letras de conclusão.*

*Por que é que revoa à toa
o pensamento, na luz?
E por que nunca se escoo
o tempo, chaga sem pus?*

*O inseto petrificado
na concha ardente do dia
une o tédio do passado
a uma futura energia.
No solo vira semente?
Vai tudo recomençar?
É a falta ou ele que sente
O sonbo do verbo amar?*

Carlos Drummond de Andrade

Sergio veio para a Fiocruz em 1976. Em 1975 defendera a tese de doutorado em medicina preventiva quando sua situação na Unicamp já estava politicamente insustentável. Depois que David Capistrano Filho fora preso no momento em que atendia a uma paciente no centro de saúde em Paulínea e, fingindo que estava entregando um encaminhamento, conseguira avisá-lo de que o cerco estava se fechando, Sergio “exilou-se” com Anamaria e Pedro em Paraty. Durante alguns meses foi contratado pela Opas para trabalhar em Brasília, cidade com a qual não se acostumava a ponto de em todos os fins de semana viajar durante 15, 16 horas para São Paulo, Campinas ou Ribeirão Preto, e voltar dirigindo outras tantas para trabalhar.

Ao lado, com os quatro filhos e Sarah Escorel. Abaixo, cercado de crianças, no lançamento da creche da Fiocruz

“Darcy Ribeiro, Chico Buarque, Ulisses Guimarães: a festa de reintegração foi um carnaval na frente do Castelo. Virei para uma autoridade e disse: ‘agora quero ver demitirem eles’. Ficaram até hoje”



Foto: álbum de família



Mas, em 1976, surgiu a oportunidade de vir trabalhar no Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (Peses), “primo pobre” do Peppe, um grande projeto de pesquisas populacionais e epidemiológicas, ambos elaborados pela Finep com o objetivo de apoiar institucionalmente a pesquisa em medicina social e desenvolvidos na Ensp. Veio, gostou e ficou. Nunca perdeu o sotaque do interior de São Paulo mas tinha alma de carioca. O Rio de Janeiro era a sua cidade. A Ensp a sua instituição. Cerca de dois anos mais tarde, com o Peses dando frutos científicos e políticos, prestou concurso para professor titular no Departamento de Administração e Planejamento em Saúde (Daps), disputando com um coronel-médico. Narra o episódio realçando o verdadeiro “corredor polonês” formado por militares uniformizados, com todas as suas patentes a brilhar, que era necessário ultrapassar para chegar à sala onde foram realizadas as provas. Passou, brilhantemente, é o que contam os que presenciaram o concurso.

Virou de Daps de cabeça para baixo. A área de planejamento foi constituída essencialmente pela disciplina da política. E não se tratava do estudo da ciência política. Era a política de saúde como *praxis* – conhecimento e ação – no desenvolvimento do que seria chamado de saúde coletiva, na formação de recursos humanos, no curso básico de saúde pública, nos cursos descentralizados, no Cebes, nas pesquisas, nos projetos como o de Montes Claros, sua “menina dos olhos” durante o tempo que durou.

Sergio era um ser político, vivia e respirava política. Mas, não era um político profissional, não se adequava à máquina partidária – era um insubordinado na clandestinidade – e nunca se adaptou ao Parlamento. Vivia e fazia com gosto a política na área de saúde, esse sim seu maior prazer e seu melhor desempenho.

Do Daps afastou-se para viver na Nicarágua, trabalhando como assessor da Opas do Ministério da Saúde durante a revolução sandinista, e para o Daps voltou quando foi a hora de votar, pela

primeira vez depois de muitos anos, para os governos estaduais. Dona Elza Paim esperava-o para transmitir-lhe a chefia do departamento e dona Elza Pastor para voltar a ser sua secretária. Não chegou a completar o mandato de dois anos. Ocorreram o movimento das Diretas Já!, a frustração da derrota da emenda Dante de Oliveira, a perspectiva de vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e uma sucessão de encontros, reuniões, seminários que prepararam a “plataforma” da saúde para o governo da Nova República. Sem ter escrito uma linha, sua participação e suas idéias estão contidas em quase todas as 50 páginas do número 17 da revista *Saúde em debate*, publicada em julho de 1985, e que teve uma segunda edição em março de 1986, por ocasião da 8ª Conferência Nacional de Saúde.

Essa participação, sua incontestável liderança setorial, sua capacidade de agregar pessoas e projetos e, nesse movimento, criar algo que era mais do que a soma das partes e do qual não exigia autoria, o levou à Presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Éramos um grupo relativamente pequeno, constituído principalmente por professores da Ensp, mas também integrado por pesquisadores de várias outras unidades técnicas da Fiocruz (IOC, Bio-Manguinhos, INCQS, IFF) que saímos junto com ele, conhecendo o *campus* e fazendo campanha, num movimento inédito na instituição. Com o telefone e o telegrama como instrumentos de difusão e pressão, Sergio conseguiu apoio de muitos núcleos de saúde pública, departamentos de medicina preventiva, institutos, faculdades e instituições científicas em geral. Tancredo não chegou a assumir o cargo e José Sarney deu posse ao seu Ministério, que intacto aguardou a longa agonia do político mineiro sem se mexer. Enquanto isso, choviam telegramas e abaixo-assinados no gabinete do ministro Carlos Sant’Anna pedindo a nomeação de Sergio Arouca para a Presidência da Fiocruz.

Os dias passavam, algumas nomeações começaram a ser feitas e sobre a Fiocruz nada. Até que, no dia

30 de abril, recebemos a notícia. O ministro teria dito, quando pressionado a manifestar-se sobre a acefalia da instituição: “para bom entendedor meia palavra basta”. No gabinete da direção da Ensp comemoramos com uma garrafa de cachaça que alguém saiu e comprou em uma birosca da favela de Manguinhos e tiramos uma foto, em que além das caras sorridentes e da garrafa de pinga, eu estou com um cartaz feito pelo ilustrador Manoel Caetano Mayrink em que, liderados por Sergio Arouca, a trupe, ou um de seus numerosos “exércitos de Brancaloneo”, como gostava de se referir aos que embarcavam nos seus delírios, entrava no Castelo.

Para Sergio a Fiocruz foi mais do que a sua instituição. Na Fiocruz ele encontrou o seu lugar no mundo do qual nunca mais se afastou, nem mesmo quando, em 1989, saiu da Presidência da Fundação para ser candidato a vice-presidente da República na chapa de Roberto Freire.

Entre 1985 e 1989, muitas coisas aconteceram, muitas histórias para contar, detalhes das “mandracarias” que ele inventava rindo e que enlouqueciam os que estavam ao redor e que tinham que operacionalizar suas idéias. Ou, quando não eram idéias próprias, propostas que ele estimulava porque gostava de “pensar grande”. Nunca foi afeito à rotina burocrática, assinava conversando as pilhas de processos que Hermínia (“a poderosa”) lhe trazia. Gostava mesmo era de criar e tinha nas potencialidades da Fiocruz um solo mais do que fértil para semear ou cultivar as sementes alheias, todas buscando a solidez científica, a criatividade e a ética a serviço da saúde e da sociedade brasileira.

“Eu sei que essa dor não vai passar mais nunca, mas sei também que um dia ela será tão parte de nós que se tornará mais suave e nem lembraremos de como era viver sem sentir essas saudades”.

** Sarah Escorel é pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) e foi casada com Arouca, com quem teve três filhas.*

Arouca: professor, líder, amigo e ‘cumpadre’

Célia Almeida*

T

ive a sorte e o privilégio de ser aluna de Sergio (como eu o chamava) desde o início do meu curso de medicina na Unicamp. Chegado de Ri-

beirão Preto, quase recém-formado, magrela, já careca mas sem barba, parecia um moleque travesso que, com aquele narizinho bem talhado, olhar maroto e falar macio, nos convidava, de forma divertida e atraente, a visitar novas “formas de andar a vida”, de pensá-la e construir novos caminhos. Não prometia nada, ensinava a pensar e a ver a “saúde”, num lugar onde a formação profissional estava totalmente orientada para a doença.

Esse foi o professor daqueles tempos sombrios – final dos anos 60, ditadura, repressão. Ao mesmo tempo, anos intensos, agitados e cheios de movimento: jovem ingênua e inexperiente, ignorante mesmo, bebi daquela fonte com curiosidade e avidez e foi quando comecei, tardiamente, a aprender a importância de “pensar politicamente”, de exercer a crítica em prol da construção de um mundo melhor, de acreditar que era possível mudar o rumo das coisas, de trabalhar para melhorar a vida de nossa gente!

Década de 80: num dos muitos atos em defesa da Fiocruz de que participou

Foto: arquivo CCS/Fiocruz

“Temos que discutir a desmedicalização da sociedade, ao invés de ficar só falando de genéricos e distribuição gratuita de medicamentos”



O céu de brigadeiro se tornou mais escuro e ameaçador e andamos zanzando por aí, buscando alternativas, de trabalho e de refúgio, onde pudéssemos continuar nossa “missão (porque não?) revolucionária”. Cada um por seu lado, ora juntos ora distantes, mas sempre em contato, chegamos, por distintas formas, até a Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), lá pela segunda metade dos 70, na então “desconhecida” Fiocruz.

Havíamos conhecido a tradicional Ensp por caminhos diferentes, mas tínhamos dela a mesma impressão: um edifício feio e esquisito, meio vazio, de passado glorioso, diziam, mas que havia sucumbido ao marasmo e ostracismo impostos pelos “anos duros”. Ti-

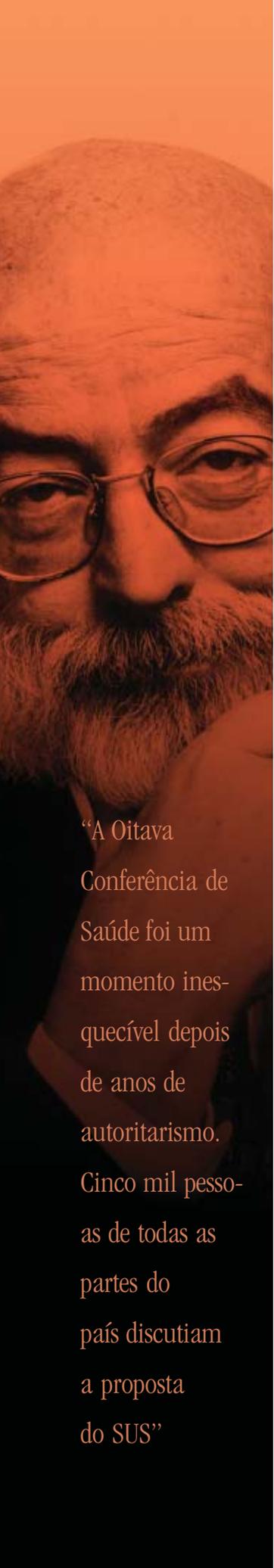
nha uma história digna, mas naquela época, lhe faltava VIDA! Arrastava-se quase agonizante, desprestigiada, encravada numa instituição que outrora tivera um lugar de destaque no cenário da saúde pública brasileira. Figuras interessantes, que tinham muito para dar, perambulavam por lá, meio desanimadas, e outras, igualmente qualificadas, mais afoitas, tentavam alavancar alguma mudança.

Cheguei para ficar, depois dele, e o burburinho já estava formado: dois grandes programas de pesquisa subvertiam a “calmaria forçada”, até então reinante naquele lugar e agrupavam gente de várias crenças, seduziam alguns “históricos”, alijavam os incrédulos e os reacionários.

Para ser contratado disputou com um “milico”, aparentemente bem relacionado com o poder de então, que, para intimidar, trouxe uma “escolta” que montou um “corredor polonês” por onde todos tinham que passar, e ganhou a parada. Sergio contava esse evento de tal forma que morríamos de rir com “nossas” pequenas grandes vitórias.

Era um negociador exímio e afável, mas veemente quando preciso, capaz de ouvir e compatibilizar divergências, sempre apontando a reflexão para além das querelas comezinhas do dia a dia, assinalando os rumos, mostrando o projeto comum (utopia?) que devia nos unir e em torno do qual deveríamos construir força política: mu-





“A Oitava Conferência de Saúde foi um momento inesquecível depois de anos de autoritarismo. Cinco mil pessoas de todas as partes do país discutiam a proposta do SUS”

Foto: arquivo CCS/Fiocruz



Com Grande Otelo, num dia de atividades culturais na Fiocruz. A aproximação com a sociedade foi uma das marcas de sua passagem pela Fundação

dar o sistema de saúde brasileiro – lutar contra o predomínio da doença sobre a saúde, eliminar os privilégios e garantir a inclusão dos excluídos. Em síntese, influir no conflito em torno da reorientação da política de saúde no Brasil. Na impossibilidade de “fazer a revolução” faríamos a “reforma”, devíamos lutar, desde nosso campo profis-

sional, contra a opressão e o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos.

Mas não era uma reforma qualquer. E para tal era preciso construir um conhecimento novo, militante na essência, mas reconhecido cientificamente. Comprovar que a política de saúde promovida pelo regime militar, além de uma gestão tecnocrática-au-

toritária, buscava privilegiar a privatização e a medicalização dos problemas sociais, menosprezando a saúde pública. Que durante o regime militar implementou-se a extensão de cobertura da atenção médica sem expandir a rede pública, promovendo-se a organização das empresas médicas privadas e subsidiando o crescimento do setor médico-hospitalar privado, contratado como provedor pelo Estado. Que esse modelo havia aprofundado as desigualdades e fortalecido um sistema de saúde dual e fragmentado, com uma estrutura centralizada. Além disso, a escassa participação dos setores sociais organizados na determinação das políticas setoriais e no controle do uso dos recursos agravava essas tendências. Devia-se denunciar também que aumentara a demanda insatisfeita dos serviços de saúde, *pari passu* à piora das condições de vida das populações, as epidemias se sucediam e ressurgiam algumas das enfermidades infecciosas anteriormente controladas.

Para mudar este estado de coisas, e contra os interventores do regime militar, precisávamos nos organizar, em nossos locais de trabalho e associações representativas, em torno de um compromisso que servisse às causas populares e fosse capaz de materializar uma proposta alternativa de política de saúde baseada no princípio da saúde como direito de cidadania. Era preciso construir um novo projeto técnico-assistencial, desenvolver estratégias que aglutinassem as forças políticas, construir um ideário de reforma e conformar um bloco de pressão que atuasse organizadamente junto ao poder constituído, impulsionando a mudança.

A contribuição do “Sergio pesquisador” à construção do campo da saúde coletiva – novo conceito cunhado então – foi importante. Esse novo conceito pretendia institucionalizar um campo de conhecimento específico e uma nova vertente analítica. Constituiu-se da negação da prática médica hegemônica, identificada como operadora de um modelo indesejável de atenção à saúde, e da oposição à práti-

ca tradicional da saúde pública, por suas insuficiências e subordinação à perspectiva médica. Replanteia também o lugar do público, que não é mais visto como “estatal”, oposto ao “privado”, mas sim como o espaço de expressão, enfrentamento e negociação de demandas, sejam elas individuais ou coletivas. Ao mesmo tempo, a prática política dos “militantes” da saúde coletiva reclamava a “transformação social” e, para isso, defendia a constituição de um sujeito dotado de “consciência social”, conquistada a partir de sua “consciência sanitária”.

Em resumo, os postulados básicos que constituíram a saúde coletiva foram perfilando-se em oposição à ditadura militar e se afirmaram à sombra do processo de transição política, como uma modalidade específica do discurso sanitário, com fundamento epistemológico e registro histórico e conceitual próprios, ao mesmo tempo em que se preconizava um projeto político-ideológico profissional militante de reforma sanitária, veiculado pelo chamado “Movimento Sanitário”.

Era preciso disseminar esse conhecimento, formar “quadros” técnica e politicamente competentes para elaborar e levar adiante o projeto transformador. Sergio então instalou-se no Departamento de Administração e Planejamento em Saúde (Daps) da Ensp, e aí organizou sua trincheira, trazendo a crítica do método Cendes/OPS, que já rolava pela América Latina afora, para dentro da normativa e acanhada Escola. O planejamento estratégico, como instrumento de transformação técnico-política, ganhou fôlego. O Daps cresceu, mudou sua estrutura, ampliou seu contingente de profissionais, criou novos cursos, formou muita gente. Mas a reestruturação não se restringia a esse departamento, estendendo-se por toda a Escola, transformando-a em mais um centro de produção crítica e de formação profissional em saúde coletiva, afinada com a utopia da mudança e juntando-se a outros já existentes e espalhados pelo Brasil afora.

Assim, a Ensp se reinseria e reprojeta institucionalmente, começando (de novo) a ganhar visibilidade

no cenário nacional. Realizou concurso público para absorção de pessoal e ampliação de quadros, à revelia da Presidência da Fiocruz, e, depois, brigou pela institucionalização do resultado do concurso, efetuado rigorosamente segundo as normas estabelecidas pela União. E ganhou! Fortalecida, começou também a reagir aos ataques repressores e autoritários da mesma Presidência, que ousava pretender censurar a bibliografia utilizada em suas salas de aula. “Não! Aqui, não admitimos mais essa censura”, ela respondeu. De fato, os tempos estavam mudando e uma nova era se anunciava.

Sergio era um professor cativante e nos ensinava todas essas coisas de forma suave. Suas aulas de planejamento partiam sempre de exemplos simples, cotidianos, que nos faziam acreditar que tínhamos à altura de nossas mãos os instrumentos necessários para transformar a realidade. Sua erudição não vinha apenas dos livros, mas de seu saber vasto e variado sobre as coisas e as pessoas. Sua reflexão era dialética, argumentando sempre com a oposição e reconciliação de contradições, lógicas ou históricas. Tornava facilmente compreensíveis teorias complexas ou herméticas. “Fazia” a nossa cabeça, no mais puro significado da expressão popular. Era um orador brilhante, transparente e cristalino. Isso para não falar de sua doçura. No fundo, era um maravilhoso contador de histórias que relatava casos, sérios ou ridículos, de forma hilária e sábia, extraindo deles o aprendizado essencial, conseguindo transformar as diferentes percepções em pontos de vista complementares, cimentados pelo riso e pela descontração.

Essencialmente “subversivo”, desmontava com facilidade qualquer pré-conceito ou idéia preconcebida sobre o que quer que fosse, conciliando experiência teórica, prática política, capacidade de articulação e bom humor. Conjunção rara de qualidades que o faziam, de alguma maneira, tão especial.

Mas tinha também os seus defeitos, pois ninguém é perfeito, e um deles era não escrever sistematicamente.



“A questão do sangue é outro momento emblemático: lá estava de novo a Fio-cruz e seus idealistas, unidos a gente como o Betinho, lutando para “limpar” o sangue de impurezas que iam muito além de vírus e bactérias”

Talvez porque suas prioridades mudaram com o tempo, pois sua tese de doutorado – *O dilema preventivista* – escrita nos anos 70, é um primor teórico, metodológico e mesmo literário, marco fundamental na inflexão que caracterizou a produção de conhecimento crítico nessa área (e somente agora será publicada). Desde então, Sergio pensava, discutia, inovava na reflexão, transmitia suas idéias de forma clara, mas não as registrava no papel. Quem quisesse o registro que o fizesse – e alguns registros foram feitos.

Era aberto para o mundo, mas fechado para dentro, sendo poucos os que conseguiam que manifestasse suas aflições, dificuldades ou dores da alma. Essas, guardava a sete chaves, preferindo que o homem público dominasse a cena, subsumindo o privado. Obviamente, isto cobrou o seu preço!

Era ambicioso politicamente, vivava o poder, para colocar em prática suas convicções e experiência. Lembro-me que no auge da ebulição política da transição democrática encontrei-o nos corredores da Ensp e me disse calmamente: “nós vamos tentar ocupar a Presidência da Fiocruz”. Arregalei os olhos e perguntei “você acha possível?”. “Acho que sim, vamos tentar e ver no que vai dar”, respondeu. E eu, de novo, “você quer isso?”. “Quero”, respondeu sem titubear. “Conta comigo”, respondi, cheia de dúvidas e um pouco incrédula, mas sucumbida frente tanta determinação. E assim foi. Meses depois ele era o presidente da Fiocruz. Tinha clareza da importância de deter o poder para poder mudar.

Postulava que era através do Estado que se poderiam criar as condições para o exercício da cidadania, deslocando a luta política para dentro do aparelho de Estado e atuando como se fosse um partido político (o “partido sanitário”), uma vez que seria o grande catalisador e articulador dos anseios de mudança dos diferentes grupos sociais. Tinha clareza sobre essa estratégia de “ocupar espaços de poder”, que foi instrumentalizada mediante a ocupação de cargos técnicos nas instituições do setor capazes de influ-

enciar na política de saúde, nos distintos níveis de governo, e viabilizada a partir de uma série de alianças com segmentos “publicistas” da tecno-burocracia. Mas não desconsiderava a sociedade civil, os movimentos sociais, setoriais ou não, as experiências inovadoras e as demandas da população, canalizadas das mais diversas maneiras e que estavam em plena efervescência naqueles tempos alvissareiros. Ao contrário, buscava sempre a aproximação e pregava o aprendizado que essa dinâmica frutífera certamente traria.

Aliás, Sergio tinha especial habilidade para construir “frentes suprapartidárias” que lutassem em prol de causas comuns, independentemente de diferenças ideológicas ou distintas filiações políticas, e, assim, foi um dos principais articuladores e liderança destacada do “Movimento pela Reforma Sanitária Brasileira”. Alentado pelo contexto da transição democrática e resultado da confluência de diversas forças sociais e políticas comprometidas com o processo de democratização da sociedade e com a melhoria das condições de vida e saúde dos diversos grupos sociais, esse movimento surgiu no início dos anos 80. Foi conformado e dirigido pela militância profissional de oposição no setor e alimentado tanto pelas lutas corporativas profissionais como pela reativação dos partidos políticos e da organização de diversos setores sociais, logrando, num primeiro momento, “unificar” uma posição setorial global contra a política de saúde posta em prática pelo governo autoritário. O movimento alcançou maior visibilidade nos estertores do regime militar, quando os sanitaristas que o comandavam passaram a ocupar a direção de importantes instituições setoriais.

Sem dúvida, ele gostava do poder, mas não suportava muito os salamaleques requeridos pelos cargos e posições que ocupava, sendo acessível e escapando, sempre que possível, dos rigores dos protocolos e posturas tradicionais, sem entretanto, negar sua importância ou mesmo deixar de cumpri-las. Na realidade, negava os excessos de zelo que cer-

cam os detentores do poder, sentindo-se muito mais confortável entre os “normais”, estabelecendo relações de igual para igual, com qualquer pessoa que dele se aproximasse, acolhendo-a carinhosamente e com a maior simplicidade.

Era um amigo sensível, atencioso e leal, sempre disponível a dar a mão e compreender as aflições alheias. Nunca estava sozinho, vivia cercado de entes queridos, colaboradores, seguidores e, como é de praxe, de alguns bajuladores também. Mas, generoso, sabia separar o joio do trigo e dar a cada um o que lhe competia, com enorme magnanimidade, exigindo o retorno também, sempre que necessário.

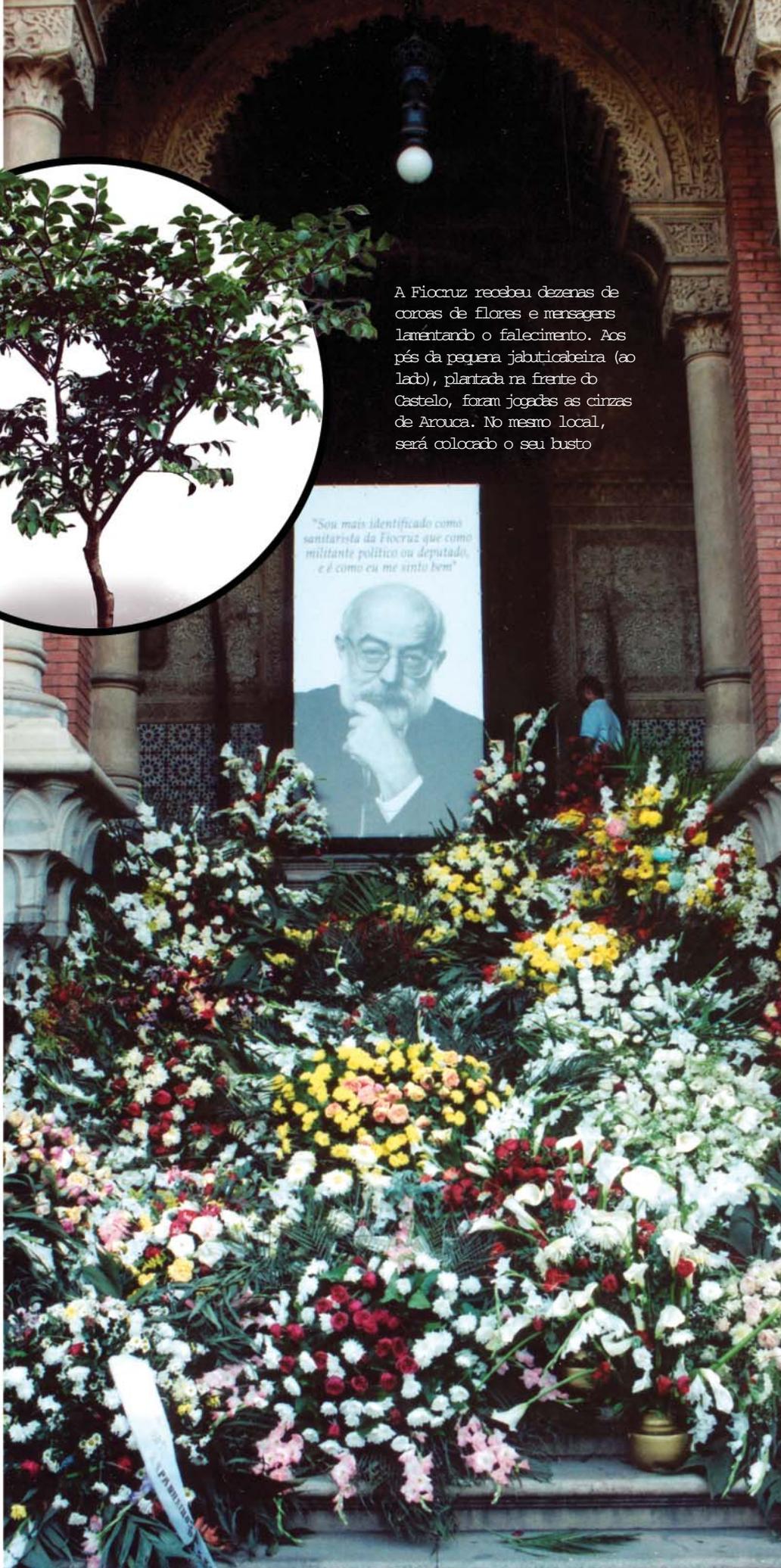
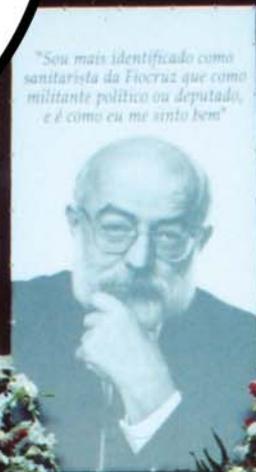
Enfim, este é o Sergio que trago dentro de mim. Perdoem-me os erros históricos ou cronológicos, as omissões e as distorções. Exprimo a importância que teve, na minha formação profissional, esse professor, pesquisador e líder competente e brilhante; na conformação da minha pessoa, esse amigo querido e dedicado; na minha estruturação afetiva, esse “cumpadre” muito especial, que compartilhou comigo a “sua Luna”. Relato o que vivi e senti. Escrevo com o coração e a memória afetiva, amorosa, não é exatamente a melhor guardiã dos “fatos reais”. Mas, o que é a realidade senão a construção subjetiva/objetiva elaborada segundo o ponto de vista do lugar que ocupamos nela?

Querido professor, líder, amigo e “cumpadre”: espero qualquer dia destes tropeçar com teu fantasma benfazejo e sorridente, visitando feliz o Castelo que foi também tua casa e que seguirá sendo um dos honrosos símbolos do teu legado.

** Célia Almeida é sanitária e pesquisadora da Ensp.*



A Fiocruz recebeu dezenas de coroas de flores e mensagens lamentando o falecimento. Aos pés da pequena jabuticabeira (ao lado), plantada na frente do Castelo, foram jogadas as cinzas de Arouca. No mesmo local, será colocado o seu busto



O meu guru

“Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que expressam sua opinião. Difícil é expressar por gestos e atitudes o que realmente queremos dizer, o quanto queremos dizer, depois que a pessoa se vai”

Carlos Drummond de Andrade

Fotos: arquivo CCS/Fiocruz



Grupos de trabalho discutem os destinos da saúde em 1986, durante a 8ª Conferência de Saúde. Ao lado, na rua, onde mais se sentia bem, o então secretário de saúde do Rio de Janeiro acompanha o combate ao dengue



“Temos que entrar no coração desse SUS desumanizado e medicalizado e resgatar a promoção da saúde”

Arouca era um sonhador

Em 1985, foi o mensageiro dos nossos sonhos na Nova República. Orador carismático, ouviu emocionado o discurso do Arlindo em reunião do PMDB em defesa da sua indicação à Presidência da Fiocruz.

Indicado pelo então ministro da Saúde, Carlos Sant'Anna, nomeado por José Sarney, afiançado por Fabíola, Eleutério e toda a comunidade científica brasileira. A Fiocruz o recebeu na presidência com imensa alegria. Foram dias inesquecíveis.

Comunista desde criancinha

Dentro da velha carteira preta, patuás, medalhinhas, fita do Senhor do Bonfim, sementes de romã, além de papezinhos de pedidos, telefones importantes. Morreu com um escapulário de Nossa Senhora da Paz no pescoço.

Era alucinado

Para realizar sonhos não se intimidava com os entraves da lei. Em caixotes empoeirados, guardados com carinho pelo primeiro museólogo da Fiocruz, Luis Fernando Fernandes Ribeiro, encontramos a história da construção dos prédios tombados, as notas fiscais, as cartas de Oswaldo Cruz para Miloquinha, os negativos em lâminas de vidro de J. Pinto.

No nosso restaurante, junto com Arlindo e Luiz Fernando Ferreira, o conteúdo do caixote, classificado, vira a Casa de Oswaldo Cruz. Na mesma linha vem o Politécnico, a Creche, o Cesteh, a Farmacodinâmica, a prefeitura do campus, a reintegração dos casados, a democratização da Asfoc e o nosso modelo de gestão. Caminhamos com ele para o primeiro Congresso Interno, hoje o fórum maior da Fiocruz.

Aventureiro

Convence o ministro Carlos Sant'Anna a convocar a 8ª Conferência

Nacional de Saúde com participação popular. O Partido Sanitário enlouquece. Sonho antigo, foi viável porque a sociedade civil participou.

Tivemos a primeira convocação da 8ª na novela *Roque Santeiro*, em que o autor, Aguinaldo Silva, ajudou. A mídia veio junto e Arouca se tornou uma liderança popular. Jornalistas de todo o país queriam entrevistá-lo e ele realmente namorava essa aliança tão impensada antes.

Sedutor

Seduzia homens e mulheres. Gostava do exercício da sedução. O poder não o intimidava porque jamais foi autoritário e tinha a humildade dos jesuítas. O poder pra ele só tinha sentido para fazer o que achava justo: o que era possível com uma simples canetada de presidente ou de secretário da Saúde.

Orador vibrante

Fez a defesa popular do texto da saúde que cria o SUS. O plenário aplaudiu de pé. Nesses momentos era vaidoso. Naquele dia, antes do seu pronunciamento, no corredor da Câmara dos Deputados grampeei a bainha da calça dele, que estava descosturada. Valente para as causas públicas, ficava pequenininho nas angústias pessoais.

Boêmio

Deputado, saía do Congresso Nacional e ficava até altas horas no Otelo, barzinho da Asa Norte, ouvindo o pianista Daniel e até ousava cantar sua música predileta, *Romaria*. Ary Miranda dizia que Arouca jamais saía do tom porque sequer entrava.

Apaixonado

Jogou-se de corpo e alma na luta pela moralização do sangue. Junto com Betinho e outros valentes companheiros, fizemos um dos movimentos mais bonitos do país. Ziraldo aderiu e novamente mobilizamos o Brasil inteiro.

“Fácil é analisar a situação albeia e poder aconselhar sobre esta situação. Difícil é vivenciar esta situação e saber o que fazer. Ou ter coragem pra fazer” (Drummond)

Em defesa da Fiocruz e do SUS, Arouca fez movimentos impensáveis. Até mesmo fazer alianças estranhas.

Bem-humorado

Recebeu François Mitterrand como se fosse rei. Fidel Castro como se fosse um guerrilheiro, Mario Soares como um amigo de infância. Transitava pelos palácios e monumentos de Brasília com a maior intimidade. A postura era igual ao visitar postos de saúde da Baixada Fluminense. Aceitou derrotas de campanha sem jamais perder a esperança e a alegria.

Meigo

E era aí que pegava todo mundo e dava um nó no coração da gente.

Carente

Com certeza foi ele quem fundou o Sindicato Nacional dos Carentes e a sua carteira era a 001.

Injusto

Para os adversários TUDO e para os amigos sinceros a DURA LEX.

Era um caipira, pira, pora

“Fácil é ocupar um lugar na caderneta telefônica. Difícil é ocupar o coração de alguém. Eterno é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade, que se petrifica, e nenhuma força jamais o resgata” (Drummond).

Arouca era o meu guru. Do jeitinho que são os anti-heróis das histórias em quadrinhos.

Chefinho, a gente se vê. ✨

** Christina Tavares é jornalista e foi assessora de Arouca durante 18 anos.*